

GEOGRAFIA CULTURAL NEGRA E INDÍGENA NO RIO GRANDE DO SUL

Cláudio José Bertazzo,
cbertazzo@gmail.com

Resumo: Este mini-curso é uma proposta para contribuir na formação de professores de Geografia. Procurando articular estes profissionais com a diversidade das matrizes étnico-culturais da população brasileira. Desta maneira, vai permitir que estejam afinados com os propósitos estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB 9394/96, Com especial destaque para a nova redação dada ao Art. 26, e seus dois parágrafos, através da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Esta fundamentação nos levará a trabalhar aspectos de algumas destas culturas no que respeitam suas formações e manifestações culturais. E suas relações políticas e de territorialidade. Partindo destas análises, poderemos avaliar e refletir nas possíveis representações e nos simbolismos dos territórios negros e indígenas no mundo rural e no mundo urbano do rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Geografia Cultural, Afro-Brasileiros, Territórios da Libertação, Brasilíndios.

Preliminarmente, queremos ressaltar que os objetivos da análise da geografia cultural são bem distintos das análises antropológicas ou sociológicas. Pois, afirmam Wagner e Mikesell (2000, p. 121-122): "O geógrafo cultural não está preocupado em explicar o funcionamento interno da cultura nem em descrever completamente padrões de comportamento humano, mesmo quando afetam a superfície da terra, mas em avaliar o potencial técnico de comunidades humanas para usar e modificar seus habitats. Para realizar tal avaliação, a geografia cultural estuda a distribuição, no tempo e no espaço, de culturas e elementos das culturas."

Neste sentido, esclarecemos que a pesquisa que realizamos nas Escolas Indígenas das Tekoá Guaranis (aldeia - terras índias) situadas na Região Metropolitana de Porto Alegre busca compreender e avaliar as características da educação que ali se realiza, em primeiro lugar. A seguir buscamos conhecer o *modus vivendi* guarani e suas relações com a sociedade envolvente em seus contatos, como Escola, Televisão, Conselho Estadual dos Povos Indígenas -CEPI e a Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Procuramos identificar os aspectos das Diretrizes Nacionais para a Educação Indígena, que norteiam esses processos educacionais e pedagógicos. Também analisamos o modo como se estabelecem. Damos especial atenção a Resolução 03/99 que detalha o funcionamento da Escola Fundamental, segundo as peculiaridades das comunidades indígenas. A partir deste referencial começamos as articulações para entender como trazer estas questões

e vivências culturais para dentro da Escola Básica e colocar em prática os objetivos da do artigo 26 LDB 9394/96.

Nossa aproximação com a cultura guaranítica procura, também, compreender as questões de resistência desta cultura dentro da sociedade envolvente e diante das alternativas que a sociedade não índia propõe à sociedade indígena. Basicamente a questão da língua Guarani e o ensino em língua materna calibraram os levantamentos nas aldeias visitadas. Na verdade, os esforços empreendidos pelo Estado e pela Comunidade Indígena têm resultados pouco promissores. Um dos problemas é a dificuldade de grafar em língua Guarani. O domínio da escrita, assim como da oralidade, tornam-se instrumentos eficazes para o uso e perpetuação da língua. Um instrumento poderoso para garantir equilíbrio nas relações interétnicas. Entretanto esse é um tema polêmico, não havendo unanimidade acerca da validade da educação e da alfabetização das comunidades indígenas. Estas são posições defendidas por alguns dos representantes das lideranças indígenas e também por membros da Academia. Ademais, não se debate muito sobre isso. Talvez seja um colaboracionismo que se vincula, ainda que involuntariamente, a conspiração silenciosa, que vem do período monolíngüista colonial. Que visava, e ainda visa, a uniformização da sociedade brasileira. Pois como adverte Claval (1999, p. 94) “A abordagem cultural [...] restabelece as condições de materialidade, historicidade e geograficidade de todo fato humano e social. [...] ela ajuda a compreender como os homens e as sociedades se fazem e se desfazem em um movimento perpétuo que criou o individual a partir do coletivo, e o coletivo a partir das ações individuais”.

Aparentemente, se vê um descrédito dos valores comunitários em favor dos valores individuais ou familiares (uma veloz ocidentalização). Uma forte assimilação dos valores da sociedade envolvente. E, entre os paradoxos do local e do global, aparecem apenas incertezas, na forma e no conteúdo, da Educação Indígena que praticam e também nas propostas. Por outras palavras, a Educação Indígena Guaranítica real está posta no campo de insegurança para os interesses da comunidade Guarani. O Estado não dá conta de seu compromisso Constitucional. A lentidão acaba engolindo alguns dos avanços que vão sendo obtidos pelos esforços de pessoas que entenderam que este assunto é importante e que eram necessárias ações eficazes. E, sem esperar pelos outros, se lançaram em ações afirmativas pelo povo Guarani.

Similar em alguns aspectos aos massacres dos povos Guaranis e Kaingangs, a questão do povo Charrua é uma das mais preocupante. Perdidos e miscigenados no meio da população gaúcha da região da Campanha, estes estiveram desaparecidos. Inclusive

classificados como extintos pela FUNAI. Subitamente uma mulher charrua - a cacique Maria do Carmo - se vestiu das incumbências de liderar uma luta em busca de terra índia para seu povo e passou a organizar sua própria aldeia em uma área do Morro do Osso em Porto Alegre, donde exerce forte pressão sobre o Parlamento Rio-Grandense e ao CEPI, buscando o apoio do Ministério Público Estadual, a fim de obter *seu lugar*. Dai, todavia foram deslocados para outra área, na Vila Nova até que recebam a posse da terra índia localizada na parada 38 do bairro Lomba do Pinheiro. Na opinião de alguns geógrafos que estudam os fenômenos culturais, uma postura como esta é fundamental, pois, “diante da massa de despossuídos do planeta, em índices de desigualdade social e de exclusão cada vez mais violentos, o ‘apegar-se a terra’, a ‘reterritorialização’ é um processo que vem ganhando força (HAESBAERT, 1999, p 185, grifo do autor)”.

Finalmente discutiremos a questão das culturas negras rebeldes que fugiram das senzalas e fundaram quilombos e territórios de liberdades em Porto Alegre, como o os quilombos dos Silva de dos Alpes. E alguns dos quilombos rurais como os dos Martimianos e o da Casca. Ao lado de mocambos na área de Mostardas. Como eles chegaram e como devem sair destas espacialidades são questões substanciais para o geógrafo cultura e para ensinar a geografização das culturas negras e índias na formação da sociedade brasileira. Que, na opinião de Wagner e Mikesell (2000, p. 121), todo o “conhecimento completo da geografia histórica das culturas e das características culturais define e limita mais o comportamento humano potencial que pode explicar transformações geográficas e reduz ainda mais a necessidade de reconstruir modelos obscuros de comportamento”.

Portanto o que interessa são as transformações geográficas e as próprias ações e transformações que os povos negros e indígenas operam e operaram para desenhar as paisagens que temos hoje no Rio Grande do Sul. Pois, historicamente, como explicou a geógrafa e historiadora Lourdes Carril, a sociedade brasileira, representada pelas fazendas e pelos quilombos mantinham suas relações políticas e comerciais. Em geral os quilombos forneciam gêneros alimentícios baratos para as Fazendas alimentarem seus escravos e agregados. Só para ilustrar a questão das construções das paisagens culturais e as ações dos comportamentos obscuros.

Portanto caberá evidenciar durante o curso a questão dos quilombos resultantes da invasão e da fuga dos negros resistentes à escravidão e dos quilombos formados pela designação de herdeiros negros das fazendas dos antigos proprietários de escravos. Inclusive com registros cartoriais. Às vezes aparece a designação de mocambos para estes territórios de liberdade negra originados em doações de terras.

Desde modo a reflexão nesta ordem de eventos e sua constituição territorial e manifestação cultural objetiva, encaminha a poder realizar a identificação de uma região cultural através das representações no território através da abordagem da geografia cultural, que permitem fazer uma “análise da maneira pela qual cada um recebe uma bagagem de conhecimentos e de atitudes, enriquece-a com a sua experiência, e a interioriza tentando assegurar sua coerência” (CLAVAL 1999, p. 88).

Pois, na verdade, temos que reconhecer serem indissociáveis a experiência vivenciada pelos indivíduos e a vida comunitária, cuja compreensão permite avançarmos nas questões mais complexas das identidades territoriais (CLAVAL, 1999). E, também, identificar suas influências nas identidades regionais e nacionais. Quer dizer sua presença no amálgama que faz a cultura nacional ou regional.

Objetivos

- Aplicar alguns pressupostos teóricos da Geografia Cultural para analisar algumas experiências culturais étnicas em territórios negros e indígenas do Rio Grande do Sul;
- Entender a lateralidade das culturas negras e índias na composição das identidades gaúcha e brasileira e alguns símbolos culturais destas culturas, como forma de ruptura do hegemonismo branco e ocidental;
- Discutir a relação dos espaços de poder dos quilombos e das aldeias indígenas como unidades autônomas de poder e de libertação das culturas envolvidas e dominadoras;
- Analisar as questões da regularização fundiária urbana e rural dos descendentes quilombolas e indígenas em meio ao discurso desterritorializador oportunista e de resgate da dominação econômica sobre territórios étnicos;
- Atentar para a questão dos Charruas; um povo em busca de uma identidade cultural, sem cara, sem casa, sem território e não reconhecido pelo poder Estatal do Rio Grande do Sul.

Metodologia

Este curso procurará estabelecer, em primeiro lugar, as bases da análise da Geografia Cultural. Faremos isto trazendo algumas concepções teóricas de Braudel (1989), Claval (1999), Cosgrove (1998), Haesbaert (1999), Sauer (2000) e em Wagner, & Mikesell (2000). A partir desta fundamentação, continuaremos a desenvolver a exposição dialogada, utilizando o retroprojetor, para irmos encadeando os conceitos aos fenômenos e fatos que queremos relacionar e analisar. Com isto pretendemos chamar os

participantes para o diálogo e interação no processo de reflexão contido no programa deste curso.

Referências

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. DANESE, A. P. (Trad.). São Paulo, Martins Fontes, 1989.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: EDUFSC, 1999.

_____. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato. (Org.), *Manifestação da cultura no espaço* (p.49-97). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny, CORREA, Roberto Lobato. (Org.), *Paisagem, tempo e cultura* (p.92-123).. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. Geografia cultural do milênio. IN: ROSENDAHL, Zeny, CORREA, Roberto Lobato. (Org.), *Manifestação da cultura no espaço* (p.17-46). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HAESBAERT, Rogério da Costa. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny, CORREA, Roberto Lobato. (Org.). *Manifestação da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, (p. 169-190).

SAUER, Carl O. Geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.), *Geografia cultural: um século* (p.99-110). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, v.1.

WAGNER, Philip L. MIKESELL, Marin W. Temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.), *Geografia cultural: um século* (p.111-167). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, v.1.